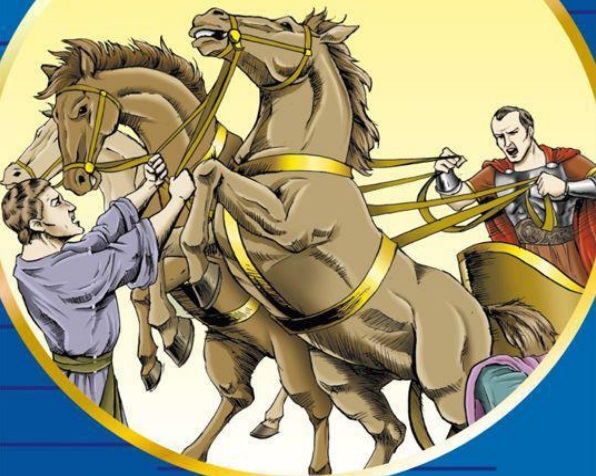


OS DIAS FINADOS
CONTOS JUVENIS

BEN-HUR



Todolivre



Lewis Wallace

Ben Hur





©Todolivro Distribuidora Ltda.

www.todolivro.com.br

Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados única e exclusivamente para o Grupo Todolivro Ltda.. Proibida sua reprodução parcial ou total, através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, internet, cd-rom, sem prévia e expressa autorização da Editora, nos termos da Lei 9.610/98, que regulamenta os direitos de autor e conexos.

Ilustrações: ©Belli Studio

Texto adaptado: Madalena Parisi Duarte

Capa: ©Belli Studio

Revisão: Helena Cristina Lübke

Código do ePub: 978-85-376-1042-8

ePub desenvolvido por: Helise Oliveira Gomes -
www.ebookcompany.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro,
SP, Brasil)

Duarte, Madalena Parisi

Ben-Hur / Lewis Wallace ; [adaptação de]
Madalena Parisi Duarte ; [ilustração Belli
Studio]. -- Blumenau, SC : BrasilLeitura,
2010. -- (Os mais famosos contos juvenis)
Título original: Ben-Hur.

ISBN 978-85-7398-117-9

1. Literatura infantojuvenil I. Wallace,
Lewis, 1827-1905. II. Belli Studio. III.
Título. IV. Série.

10-01580 CDD-028.5



Ben Hur

Era meio-dia quando um egípcio, que viajava pelo deserto numa pequena tenda montada sobre um dromedário branco, fez com que sua montaria ajoelhasse e desceu na areia quente. Olhou à sua volta, curvou a cabeça e orou.

Em seguida, com um pano embebido em um pouco de água retirada de um recipiente que trazia, limpou os olhos e as ventas do animal. Depois, tirando alguns apetrechos da liteira, montou uma tenda. Estava só, mas ali se

encontrava por inspiração de um Espírito Celestial e sabia que brevemente teria companhia.

De uma cesta de vime retirou pão, carne defumada, tâmaras, queijo e vinho embalado em saquinhos de pele. E ajeitou, num canto, três pedaços de seda, próprios para cobrir os joelhos dos convidados, conforme uso entre os povos do Oriente.

Os viajantes aguardados logo chegaram: um indiano, que saudou o egípcio respeitosamente, desejando-lhe paz em nome de

Deus. Depois um grego, que fez a mesma saudação a ambos.

Com humildade, o egípcio convidou-os a entrar na tenda, lavou-lhes as mãos e os pés e secou-os com um pano alvo. Depois, os três oraram, agradecendo a Deus e pedindo-Lhe o necessário auxílio para bem cumprirem a missão que lhes fora confiada.

Depois do almoço, cada viajante se apresentou. O grego era Gaspar, filho de Cleanto, o Ateniense. Aprendera com os filósofos que a

alma é imortal e que só existe um Deus. Mas queria saber mais. Um dia, salvou um judeu das águas do mar e ele lhe falou de Deus, dos profetas e da vinda do Senhor, esperada em Jerusalém. O indiano era Melquior. Tinha fé, mas sentia-se só. O egípcio, que os recebera, era Baltasar. De origem nobre, até ali vivera afastado do mundo, em oração, à espera de um Redentor.

Nos três homens ilustres havia amor, fé e esperança. Estavam sendo guiados pelo mesmo Espírito, representado na voz de uma Estrela-Guia, que os dirigia ao

encontro do Messias que estava para chegar...

Enquanto isso, duas pessoas se aproximavam das portas de Belém: José, um homem de cerca de 50 anos, e Maria, sua mulher, muito jovem e bela, que viajava em cima de um jumento. Chegavam para se submeter ao censo decretado pelo imperador.

As hospedarias estavam lotadas. A muito custo José conseguiu um lugar para pernoitarem. Era uma antiga estrebaria, numa gruta atrás da estalagem. Acomodaram-se

contentes por encontrar abrigo, pois Maria estava para dar à luz.

Tarde da noite, não muito distante dali, alguns pastores acordaram assustados. Cercado por uma estranha luz, um anjo lhes anunciava, docemente, que em Belém – cidade de Davi – nascera Cristo, o Salvador. Eles o encontrariam enrolado em panos e deitado numa humilde manjedoura. Após o anúncio, ouviram um suave canto dizendo “Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade...”

Sabendo que só numa antiga gruta havia manjedouras, os pastores para lá se dirigiram. Depois de homenagear o recém-nascido e seus pais – Maria e José –, saíram felizes, espalhando a notícia pela cidade.

Poucos dias depois, os Magos chegavam às imediações de Jerusalém. Logo chamaram a atenção pelo luxo de suas bagagens e também por perguntarem a todos onde estaria o Rei dos Judeus, recém-nascido... Isso chegou aos ouvidos de Herodes, o Grande, rei da Judeia que, intrigado, consultou

o ancião Hilel, Sumo Sacerdote. Ciumento e cruel, Herodes não gostou quando Hilel afirmou que as sagradas escrituras indicavam que o chefe destinado a governar o povo de Israel nasceria em Belém de Judá...

Assim que chegaram a Jerusalém, os Magos foram convocados por Herodes, a quem confirmaram a predição. Presenteando-os com ricos mantos e cintos de ouro e fingendo satisfação, disse-lhes que fossem para Belém.



No caminho para Belém, a Estrela ressurgiu e foi guiando os Magos, até parar exatamente sobre a estrebaria em que o recém-nascido se encontrava. Muito felizes, os Magos colocaram ouro, incenso e mirra diante da criança, em sinal de

adoração. Afinal, o Salvador chegara!

Algum tempo depois desses fatos, Herodes, o Grande, morreu. Seus sucessores perderam o trono e, então, César, o imperador, decidiu transformar a Judeia em província romana. Para administrá-la, nomeou um oficial denominado de Procurador, que morava na Cesareia, cidade que se tornou sede do governo. Receando a revolta dos judeus, a guarda romana em Jerusalém foi reforçada e qualquer gesto contra o Procurador redundava em terrível punição.

Embora ainda contassem com a presença de um Sumo Sacerdote no palácio que pertencera a Herodes, os judeus se sentiam ainda mais subjugados. Porém, pacientes, mantinham a esperança na chegada do chefe e salvador de Israel, conforme previsto nas profecias.

Nesses dias, dois jovens se reencontravam no jardim de um palácio, na montanha de Sion. Messala, de 19 anos, era romano. Judá, de 17, era judeu. Entre outros assuntos, conversavam sobre a chegada do novo Procurador. Judá não conseguia esconder sua tristeza

diante de Messala que, depois de permanecer cinco anos em Roma, voltara muito diferente. Mostrava-se frio, arrogante e orgulhoso do predomínio romano sobre os judeus e sobre outros povos conquistados. Zombava da crença judaica em um Deus único e de seus costumes simples, provincianos. Dizia que se tornaria soldado, para conquistar dinheiro e glória subjugando as nações ainda não descobertas, no Oriente. Talvez, até viesse a se tornar Procurador da Judeia...

Embora Messala demonstrasse o desejo de ajudar Judá a se tornar

renomado e poderoso, o jovem judeu percebeu que não poderiam continuar amigos como outrora. Por isso, resolveu afastar-se.

Emocionado, desejou a paz de Deus ao ex-amigo e voltou para sua confortável casa, em Jerusalém.

Aborrecido, Judá entrou em casa, jogou-se num divã e dormiu. À noitinha, foi despertado pela escrava Amrah, sua ama, que lhe levou alguns alimentos. Ainda triste, Judá comentou com a serva de confiança o quanto se decepcionara com Messala.

Mais tarde, desabafou seus sentimentos com a mãe. Para consolar o filho, a nobre senhora lembrou a Judá a trajetória das setenta e duas gerações de que descendiam, desde Abraão. Também recordou o dia feliz em que o Sumo Sacerdote o registrara como Judá, filho de Itamar, príncipe de Jerusalém, da casa de Hur...

No dia seguinte, Judá acordou com o canto de sua irmã de 15 anos, Tirzah. Alegando-se, contou-lhe que decidira ir para Roma, para aprender os ofícios de soldado.

Esse desejo afligiu Tirzah. Ela não gostaria que ele partisse; afinal, eram felizes em sua terra.

De repente, ouviram rumor de pessoas e o som de trombetas na rua. Era um cortejo de guerra, no qual se destacava a figura de um oficial a cavalo: o novo Procurador da Judeia, Valerius Gratus.

Ao debruçar-se sobre o parapeito da janela para ver o que se passava, sem querer Judá derrubou uma telha, que atingiu a cabeça do Procurador. A princípio aflito, Judá alegrou-se ao ver que Valerius

Gratus levantava-se em seguida e, auxiliado por alguns guardas, voltava à sua montaria.

Mas, ainda assim, a casa de Judá foi rapidamente invadida. De forma rude, sob o comando de Messala, os guardas romanos expulsaram sua mãe, sua irmã, os escravos e os animais. Com as mãos amarradas, Judá foi levado preso. Em seguida, a porta da casa foi lacrada com o aviso “Propriedade do Imperador”.

No dia seguinte, cansado, de mãos atadas, roupas rasgadas e pés machucados, o prisioneiro chegava

a Nazaré, sob escolta. Perto de uma fonte, caiu. Então, quando alguns curiosos pediram a José, um velho carpinteiro que passava, que descobrisse com um dos oficiais quem era o prisioneiro, souberam que se tratava do filho do falecido Ben-Hur, príncipe de Jerusalém. Ali estava Judá, condenado às galeras pelo resto da vida, sob a acusação de ter tentado assassinar Valerius Gratus...

Nesse instante, um jovem se aproximou, encheu um cântaro com água da fonte e, bondosamente, ofereceu-a a Judá. Depois, pousou

a mão sobre a sua cabeça, como se o abençoasse. Em seguida afastou-se, caminhando ao lado de José, o carpinteiro.

Em certa manhã de setembro do ano 24 d.C., no antigo porto de Misena, o tribuno Quintus Arrius embarcava numa galera rumo ao mar Egeu, indo ao encontro de outras cem galeras que, por ordem do imperador, teriam de destruir a frota de piratas gregos que há algum tempo vinha afundando os navios romanos.

Depois de inspecionar as

instalações e equipamentos de seu navio, Quintus Arrius parou na plataforma que servia de posto de observação ao comandante. Dali, podia ver o trabalho dos remadores, pobres escravos que remavam em cadência, guiados pela batida de um gongo tocado por seu chefe. Não podiam parar, sob pena de serem castigados. Olhando-os um a um, Arrius deteve-se em um jovem forte e belo, cuja aparência chamava a atenção, embora, como os outros, vestisse apenas uma surrada tanga. Pelos traços de seu rosto, Arrius notou que era um judeu e, curioso, quis conhecê-lo de

perto.



Poucos dias depois, Judá era interrogado pelo tribuno e lhe contava sua triste história: estava nas galeras havia três anos e seu único desejo era ter notícias da mãe e da irmã. Ao saber que o jovem era filho de um dos príncipes de

Jerusalém, Arrius se espantou. Ele próprio conhecera e estimara muito o pai de Judá.

Comovido, Quintus Arrius resolveu ajudar o jovem escravo. Mas, antes, precisava ter certeza de que Judá era, realmente, o príncipe “Ben-Hur”.

Dias depois, Ben-Hur percebeu, pela agitação no navio, que haveria combate. Confirmou-se o fato quando o chefe dos remadores começou a acorrentar cada um dos escravos, para impedir sua fuga durante um eventual naufrágio.

Nessas ocasiões, todos morriam afogados... De repente, ao chegar a sua vez de ser acorrentado, o chefe dos remadores foi chamado pelo tribuno Arrius, que lhe disse algo ao ouvido. Então, o chefe voltou ao gongo, deixando Ben-Hur sem qualquer amarra!...

O combate com as sessenta galeras inimigas foi intenso. Em pouco tempo, muitos homens haviam morrido e alguns navios ardiam em chamas. O próprio tribuno Quintus Arrius teria morrido afogado, se não fosse a rápida ação de Ben-Hur, que o retirou das águas e o

reanimou. Pouco depois, algumas galeras romanas surgiram. Recolhido por uma delas, Arrius reassumiu o comando e destruiu as últimas galeras inimigas.

No retorno a Misena, Arrius foi recebido em triunfo. Então, sem revelar a verdadeira identidade de Ben-Hur, contou como fora salvo pelo jovem e nomeou-o filho adotivo, com direito a usar seu nome e a herdar todos os seus bens. Assim, Judá conseguiu voltar à liberdade.

Cinco anos depois, Ben-Hur, agora

um jovem bem trajado e de gestos elegantes, desembarcava no antigo porto de Antioquia. Atrás de sua galera haviam chegado dois navios que, segundo o comentário de um ancião, pertenciam a Simonide, antigo servo da família de Hur e que se tornara um mercador riquíssimo, dono de grande frota.

Por duas vezes, o Procurador tentara confiscar-lhe os bens. Torturado, Simonide tivera vários ossos quebrados, mas não se deixara vencer. Ao ouvir isto, Ben-Hur procurou saber mais e descobriu que Simonide fora servo

de seu próprio pai, Ben-Hur,
príncipe de Jerusalém...

No dia seguinte Ben-Hur procurou
o mercador. Tinha esperanças de
obter, com ele, notícias sobre o
destino de sua família. Embora
deitado sobre almofadas, forma em
que vivia devido às sequelas da
tortura, Simonide o recebeu
amavelmente. Depois de apresentar
sua filha Ester – jovem de beleza
simples e encantadora – Simonide
ouviu o relato do jovem.

Ansioso, Ben-Hur identificou-se
como Judá, filho de Itamar, último

da casa de Hur e príncipe de Jerusalém. Narrou sua experiência nas galeras e falou sobre sua adoção, após o que se tornara conhecido como o filho do duúnviro [\[1\]](#) Arrius. Contou que havia se formado em Roma, na arte da guerra, e adquirira grande reputação entre os romanos. E que esperava receber, de Simonide, alguma informação sobre a mãe e a irmã desaparecidas.

Porém, para desencanto de Ben-Hur, Simonide nada pôde dizer, pois ele próprio já vinha tentando, há anos, descobrir o paradeiro da

família de Hur, sem sucesso.

Mas, Simonide escondia uma alegria íntima, resultante da visita de Ben-Hur. Na verdade, depois que retomara os negócios de seu antigo senhor e ex-sócio – o príncipe Ben-Hur –, Simonide vivia apenas para cuidar de sua querida filha Ester e manter viva a esperança de, um dia, poder devolver a alguém da família de Hur a fortuna que amealhara. Assim, mal Ben-Hur se despediu, pediu a Ester que chamasse o servo Malluch e ordenou-lhe que seguisse o jovem bem de perto, para se

certificar de sua origem e de seu caráter.

Ben-Hur saiu da casa de Simonide desapontado. Caminhando por um bosque de ciprestes, ouviu o toque de uma trombeta. Curioso, perguntou a um estranho a que se referia aquele toque. O estranho – que na realidade era Malluch – informou que era a chamada para as corridas no estádio. Então, apresentando-se como mercador de Antioquia, ofereceu-se para acompanhar Ben-Hur até o local.

[1] Cada um dos dois magistrados

que, na Roma antiga, exerciam o governo.



Quando a nona quadriga[2] surgiu na pista, Ben-Hur se admirou com a beleza dos cavalos que a puxavam. Malluch explicou que pertenciam ao xeque Ilderim, que estava na tribuna. Era um poderoso homem do deserto, dono das mais puras

raças de cavalos árabes e chefe de uma tribo de dez mil homens.

De repente, os garbosos cavalos se empinaram e, por mais que tentasse, o romano que os conduzia não conseguiu fazê-los prosseguir. Ben-Hur notou a contrariedade do xeque árabe Ilderim, que se recriminava por ter confiado a condução de sua quadriga a um romano...

Em seguida, outro carro – ricamente equipado e decorado – surgiu, sob entusiásticos aplausos da multidão. Surpreso, Ben-Hur logo reconheceu quem o conduzia:

era o orgulhoso Messala! Cresceu, então, seu desejo de vingança.

Ao sair do estádio, Ben-Hur e Malluch passaram pela fonte de Castália. Lá, um grupo de pessoas observava a aproximação de um camelo branco, com uma grande tenda em que viajavam um ancião, de turbante, e uma mulher enfeitada à moda árabe. Era Baltasar, o Egípcio, acompanhado da filha Iras. Quando esta pediu a um servo que enchesse um copo de água, ouviu-se um grande barulho e gritos: era Messala que, rindo, jogava os cavalos de seu carro sobre a

multidão. Rápido, Ben-Hur segurou as rédeas dos cavalos, fazendo-os parar.

Esse fato fez Ben-Hur decidir: pediria ao xeque Ilderim que o deixasse conduzir seus cavalos durante os próximos jogos, que se realizariam para saudar a chegada do cônsul Maxence a Antioquia. Com a experiência adquirida no Circo Maximum, em Roma, Ben-Hur tinha certeza da vitória. Assim, poderia humilhar Messala publicamente.

Para tanto, Ben-Hur contou logo

com a colaboração de Malluch e de Simonide. Este, que era muito amigo do xeque Ilderim, fez questão de apresentar-lhe o jovem judeu.

O xeque Ilderim recebeu Ben-Hur com todas as honras em sua tenda no meio de belas palmeiras, nos arredores de Antioquia. Alegrou-se muito quando soube que o jovem era um israelita e não um romano, e que, assim como ele próprio, não tolerava o poderio romano.

Depois de se certificar da capacidade de Ben-Hur, Ilderim concordou em emprestar seus

cavalos árabes para que o jovem judeu os conduzisse na próxima corrida. Em seguida, apresentou-o a Baltasar, o Egípcio, que se encontrava hospedado em sua tenda, com a filha.

Enquanto conversavam, Baltasar reconheceu, em Ben-Hur, o jovem que lhe salvara a vida no momento em que Messala lançara os cavalos contra sua comitiva e contra as demais pessoas, perto da fonte de Castália. Ao saber disso, Ilderim teve ainda mais certeza de que Ben-Hur era um verdadeiro judeu.

Logo depois, o xeque convidou os amigos para o jantar. Depois de lavarem as mãos, sentaram-se à volta de uma mesa, à maneira oriental. Nesse momento, o egípcio — repetindo a oração que, muitos anos antes, fizera ao lado de Melquior e Gaspar, no deserto, — orou a Deus, o Criador, agradecendo e pedindo-Lhe bênçãos.

Mais tarde, o egípcio contou a Ilderim e a Ben-Hur os fatos que haviam se passado vinte e sete anos antes. Falou-lhes da Estrela-Guia e do nascimento do Salvador, o Rei

dos Judeus; que Ele não fora enviado para ser um homem da guerra, mas sim um homem da paz. E que Seu reino não seria o dos homens, mas sim o da alma imortal...

Tarde da noite, Ben-Hur saiu para andar. Estava confuso com a história de Baltasar. De repente, seus pensamentos se concentraram em Ester, a filha de Simonide. Sentiu que ela era a estrela há tanto tempo esperada em seu coração!...

Na manhã seguinte a uma festa que oferecera a seus amigos depois das

corridas no circo, Messala redigiu uma carta ao Procurador Valerius Gratus, na Cesareia. Nela, além de recordar-lhe os acontecimentos do passado – a condenação de Judá às galeras, o confisco de seus bens e a prisão da mãe e da irmã do jovem –, o romano relatava, também, o ressurgimento de seu ex-amigo como filho adotivo de Quintus Arrius, de quem herdara o nome e a fortuna.

Não satisfeito com todo o mal que já fizera, Messala sugeria novas providências a Valerius Gratus, não só para eliminar Ben-Hur, mas

também o xeque Ilderim, de quem o jovem se tornara amigo.

[[2](#)] Carro de duas rodas puxado por quatro cavalos atrelados lado a lado.



Enquanto isso, Ben-Hur treinava, com grande habilidade, os cavalos colocados à sua disposição por Ilderim.

Nessa ocasião, Malluch entregou ao xeque duas mensagens de Simonide.

Numa, o mercador declarava sua estima por Ben-Hur e pedia a Ilderim que tratasse o jovem da melhor forma possível. Noutra, recomendava a Ilderim que pusesse homens de sua tribo para revistar todos os mensageiros que cruzassem a Antioquia, pois ouvira falar de um complô tramado pelos romanos contra ele.

Depois dos treinos, Ben-Hur pediu a Malluch que fosse ao circo e lhe trouxesse todas as informações possíveis sobre o carro de Messala, bem como uma cópia do regulamento da corrida. E que

procurasse inscrevê-lo para participar lado a lado com o romano.

Pouco depois, um homem da tribo de Ilderim, que conseguira interceptar a carta dirigida por Messala ao Procurador, entregou-a ao xeque. Por não saber latim, Ilderim pediu a Ben-Hur que a lesse.

O teor da carta despertou muita ira em Ilderim e revolta em Ben-Hur. Furioso, o xeque incentivou o jovem judeu a usar toda a sua juventude e fortuna para enfrentar

Messala e descobrir o destino de sua mãe e de sua irmã. Para tanto, garantiu que Ben-Hur poderia contar com sua ajuda em tudo o que necessitasse.

Angustiado pelo teor da carta de Messala, Ben-Hur saiu para caminhar pelos arredores do acampamento do xeque Ilderim, antes de treinar mais um pouco com os cavalos já atrelados ao carro que usaria.

Ao voltar ao acampamento, Malluch o convidou a acompanhá-lo até a cidade, a chamado do

xeque Ilderim. Para surpresa de Ben-Hur, pararam em frente à casa de Simonide onde este, sua filha e Ilderim o receberam com muito carinho. Com emoção, e tendo o xeque Ilderim como testemunha, Simonide entregou a Ben-Hur um rolo de papiro. Continha um relatório de todos os bens do mercador e um compromisso de devolução do correspondente a 120 talentos em moeda judaica, deixados pelo pai de Ben-Hur e salvos do confisco por Simonide. Incluía, também, o valor referente a todos os bens adquiridos com o uso daquele dinheiro. No total, 553

talentos. Além disso, Simonide declarou-se servo de Ben-Hur, conforme o fora de seu pai. De acordo com a lei, também Ester seria sua serva. A jovem apenas suplicava que lhe fosse permitido continuar cuidando do pai...

Mas o jovem recusou-se a tê-los como escravos, pois os queria como amigos. Aceitou somente os 120 talentos que seu pai deixara e nomeou Simonide como intendente encarregado de zelar pelos seus bens.

Emocionado, Simonide aproveitou

para confessar a Ben-Hur que havia pedido a Malluch para segui-lo... E que se sentia muito feliz em entregar-lhe a fortuna, pois o jovem provara ter as mais nobres qualidades. Então, lembrou que, com seu caráter e fortuna, Ben-Hur poderia ser muito útil àquele Rei dos Judeus mencionado por Baltasar, o Egípcio. Talvez o jovem pudesse até se tornar chefe das legiões desse rei e, contando com a participação dos judeus, libertar o povo de Israel do jugo dos romanos.

Ao contrário de Baltasar, que

acreditava na chegada de um salvador de almas, Simonide esperava um salvador dos judeus...

Embora entusiasmado com a sugestão, Ben-Hur pediu paciência aos amigos. Antes, precisaria enfrentar o cruel e prepotente Messala.

No dia anterior ao das corridas, as tendas do xeque Ilderim foram desarmadas e a caravana partiu para o deserto. O árabe sabia que, uma vez derrotado por Ben-Hur, a vingança de Messala seria terrível, alcançando também a ele, pelo

apoio dado ao jovem judeu.

No circo, tudo estava preparado. Ben-Hur usaria a cor branca e Messala, dourado e escarlate. Malluch contou que na cidade todos os judeus e árabes estariam usando fitas brancas e que as arquibancadas estariam divididas entre as duas cores concorrentes.

Disposto não só a derrotar, mas também a arruinar seu inimigo, Ben-Hur encarregou Malluch de apostar 50 talentos contra Messala. Mas Simonide foi além, ordenando a um de seus mensageiros que

arriscasse, na aposta, toda a sua fortuna. Orgulhoso, Messala não pôde deixar de aceitar o desafio.



As altas apostas atraíram um público ainda maior. Eram cerca de 100 mil pessoas e, entre elas, achavam-se Simonide e sua filha Ester, o xequê Ilderim, Baltasar, o Egípcio e sua filha Iras. Enquanto aguardavam - para constrangimento

de Ester -, Iras não escondeu sua grande admiração por Messala...

Após vários tipos de jogos, iniciou-se a corrida. Já ao sair, Messala provocou a queda de dois cavalos e do jovem que os conduzia. Em seguida, ao perceber o carro de Ben-Hur emparelhado ao seu, chicoteou os cavalos do jovem, que precisou de toda a sua força para acalmar os animais. Essa covardia de Messala, entretanto, não surtiu efeito. Ben-Hur continuou firme, até que, na volta final, num dos trechos mais perigosos, com uma ágil manobra, fez com que a roda de seu

carro atingisse a parte externa da roda do carro de Messala. Com enorme estrondo, o carro do romano capotou e ele foi lançado para a frente. Caído no meio da pista, acabou sendo atingido também pelo carro que vinha atrás.

Ben-Hur vencera! Na tribuna, o novo cônsul de Antioquia ergueu-se para aplaudi-lo, enquanto a multidão o aclamava, com gritos e vivas.

À tarde, Ben-Hur e Ilderim seguiram ao encontro da caravana que partira horas antes. Ao

despedir-se de Ester, o jovem judeu beijou-a, prometendo que, se encontrasse a mãe em Jerusalém, viria buscá-la.

Na saída, ao despedir-se de Malluch, Ben-Hur soube que Messala não morrera e que, devido ao acidente, ficaria paralítico para o resto da vida.

Quando Ben-Hur chegou a Jerusalém, Pôncio Pilatos ocupava o lugar de Valerius Gratus. Decretara uma inspeção geral nas prisões, exigindo a lista de todos os prisioneiros. Com isso, centenas de

inocentes ganharam a liberdade e pessoas tidas como mortas foram encontradas em prisões secretas.

Na torre Antônia, descobriram um cárcere que não era aberto havia oito anos. Ao arrombar a porta, encontraram um prisioneiro quase cego e com a língua cortada.

Durante todos aqueles anos, recebera alimentação através de uma abertura na parede. Horas depois de ser solto, fez, com gestos, com que o carcereiro voltasse à sua cela, e apontou para um buraco na parede. Aproximando-se da pequena abertura, o carcereiro

gritou e, com espanto, ouviu uma voz de mulher pedindo socorro para ela e para a filha.

Derrubada a parede, o carcereiro e o tribuno precisaram ficar a distância: ambas estavam leprosas! Cheias de feridas e escamas, haviam sobrevivido graças a um pouco de alimento que o prisioneiro mudo lhes passara, por um buraco na parede. Então, a mais velha contou ao tribuno que eram de família nobre de Jerusalém e que haviam sido encarceradas havia muitos anos, por ordem de Valerius Gratus... Comovido, o tribuno

despediu-se, ressaltando que, como leprosas, a lei as considerava “impuras”; assim teriam de morar no Vale das Catacumbas. Em seguida, alguns escravos lhes trouxeram água, toalhas e roupas usadas e elas saíram, atordoadas.

Enquanto isso, Ben-Hur procurava encontrar Amrah que, segundo informação de Simonide, ainda vivia. E aguardava um encontro com Malluch, que procurava notícias de sua mãe e irmã, nas prisões. Angustiado, voltou ao palácio em que morara. Não vendo ninguém, recostou-se nos degraus

da entrada e adormeceu.

E foi assim que sua mãe e irmã, que também ali chegavam para rever a antiga morada, o viram.

Emocionadas, não puderam se aproximar. Eram “impuras”, poderiam contaminá-lo com a terrível doença! Minutos depois, velha e encurvada, Amrah chegava à porta. Antes de entrar, viu Ben-Hur e, ao se aproximar, acordou o jovem. Nesse momento, reconhecendo-se, ambos se abraçaram chorando! De longe, as duas leprosas haviam observado tudo, profundamente comovidas...

No dia seguinte, quando fazia compras no Porto dos Peixes, Amrah ouviu comentários sobre as duas leprosas encontradas na torre Antônia. Ao ouvir seus nomes, alegrou-se muito, mas concluiu que não poderia dar a terrível notícia a Ben-Hur. Entretanto, iria ajudá-las da melhor forma possível.



Assim, na manhã seguinte, com uma cesta de alimentos, aguardou-as na entrada do Vale das Catacumbas, numa fonte em que os leprosos apanhavam água. Percebeu duas mulheres vacilantes, mas não as reconheceu. Pareciam duas velhas...

De repente, uma delas gritou seu nome, para grande alegria de Amrah que, entretanto, não pôde se aproximar muito. Emocionada, deixou a cesta e uma jarra no chão. Prometendo à mãe de Ben-Hur que guardaria segredo sobre o encontro, a velha serva combinou que voltaria todos os dias.

Ben-Hur não conseguira encontrar sua mãe e Tirzah. Ao saber do encontro das leprosas na torre Antônia, ficara bastante angustiado – desconfiava que elas pudessem ser as pessoas que tanto procurava...

Entristecido, ao voltar ao albergue em que se hospedara, viu, no pátio, um grupo de jovens galileus.

Estavam revoltados, porque os romanos queriam construir um novo aqueduto com dinheiro do tesouro do templo. Pretendiam levar apoio aos anciãos e sacerdotes judeus que se encaminhavam ao Pretório, para falar com Pilatos. Como judeu, Ben-Hur quis juntar-se ao grupo, jurando que lutaria ao seu lado se preciso fosse.

No Pretório, Pilatos não apareceu, mas sim alguns soldados que atacaram os galileus a chicotadas.

Então, com Ben-Hur à frente, os revoltosos revidaram, armados de paus e galhos, e conseguiram o recuo dos romanos.

À noite, Ben-Hur encontrou-se com os companheiros em Betânia e de lá foram para a Galileia. Meses depois, com o apoio de Simonide, Ben-Hur já conseguira organizar três legiões no estilo romano.

Certo dia, Ben-Hur recebeu uma mensagem de Malluch, dizendo que em Jerusalém surgira um profeta vindo do deserto, que atraía muita gente. Falava da chegada de outro

profeta que, ao que tudo indicava, seria o rei esperado pelos judeus... Entusiasmado, Ben-Hur recomendou aos seus comandados galileus que ficassem de prontidão, enquanto ele iria a Jerusalém verificar de perto a chegada do profeta anunciado.

No caminho encontrou-se com Baltasar, o sábio egípcio, que contou que em sonho fora avisado que o Rei dos Judeus – ou, conforme ele dizia – o Salvador de Almas, estaria em Jerusalém... Então, tomando juntos o rumo do Jordão, foram informados que um

profeta chamado João, filho de Zacarias, falava de uma nova doutrina e se dizia precursor do Messias. No momento, João estava pregando em Betabara.

No dia seguinte, Ben-Hur, Baltasar e sua filha Iras chegavam à margem do rio Jordão. Logo viram João, de aparência humilde e quase rude, pregando e batizando as pessoas.

De repente, um homem que estava sentado à margem do rio levantou-se e se aproximou de João. Era alto, vestia uma túnica de linho branco. Seus olhos expressavam

inteligência, calma, bondade, amor infinito... Então, ouviram quando João, ao avistá-lo, anunciou, comovido, que ali estava o enviado de Deus, o Messias tão esperado!

Ben-Hur sentiu que já vira aquele olhar antes... Perguntando a um dos presentes, soube que aquele homem era Jesus, filho de um carpinteiro de Nazaré. Então, comovido, Ben-Hur reviveu a cena: ele lhe oferecera água, na fonte de Cristália, quando estava sendo conduzido às galeras, anos atrás...

Durante uns três anos Jesus pregou

às margens do Jordão. Nesse período, Ben-Hur comprara de Pilatos sua antiga casa em Jerusalém e mandara reformá-la. Mas ele próprio vivia em Betânia, e só de vez em quando se hospedava em sua casa, onde agora residiam Simonide, Ester, Baltasar, Iras e a escrava Amrah.

Certo dia, em março, Ben-Hur chegou a Jerusalém. Recebido com muita alegria, comentou com seus amigos que Jesus estaria na cidade, para participar das festas da Páscoa. Contou tudo que vinha presenciando ao acompanhar seus

passos e falou-lhes da simplicidade em que viviam o Nazareno e os doze humildes pescadores que o seguiam. E relatou, com entusiasmo, os “milagres” que presenciara: a multiplicação de sete pães e dois peixes, fazendo com que cinco mil pessoas se alimentassem e sobrassem, ainda, muitos cestos; a cura de um paralítico; como Jesus fizera Lázaro voltar à vida, depois de ele ter sido considerado morto por quatro dias; a cura de um leproso... E muito mais.

Ao ouvir sobre a cura do leproso,

Amrah estremeceu. Então cedinho, no dia seguinte, procurou a mãe e a irmã de Ben-Hur, no Vale das Catacumbas e, emocionada, pediu que a seguissem, para esperar a passagem do Messias e implorar-lhe que as curasse.



Assim, com muita dificuldade, Tirzah e a mãe procuraram um lugar adequado, em que não fossem apedrejadas pelas pessoas. Já estavam quase sem forças, quando João, o pregador, aproximou-se e incentivou-as a aguardar sobre uma

rocha próxima e a suplicar com fé, pois certamente Jesus as curaria! E assim, pouco depois, apesar de estar rodeado pela multidão, o Nazareno ouviu o grito de súplica de ambas. Então, aproximando-se, abençoou-as e declarou-as curadas, pela grande fé que demonstravam ter. Depois, afastou-se, serenamente.

Logo depois as duas perceberam que o sangue voltava a fluir vigorosamente em suas veias. Novas energias fechavam as feridas. Estavam curadas!

Ben-Hur, que acompanhava o cortejo, havia notado Amrah escondida atrás de uma pedra e viu que ela orava, agradecida.

Pressentiu, então, que as duas mulheres atendidas por Jesus só poderiam ser sua mãe e sua irmã... Então, correu para as duas e abraçou-as, chorando. Finalmente as reencontrava!

Mais calmo, Ben-Hur abrigou-as em um sepulcro novo, próximo ao rio Cedron. Por lei, teriam de continuar fora da cidade durante mais nove dias após a emissão do certificado de cura, que o jovem

providenciaria com os sacerdotes o mais depressa possível.

Durante os dias de espera, Ben-Hur foi várias vezes visitar a mãe e a irmã. Ao ouvir delas os sofrimentos a que tinham sido submetidas naqueles anos de prisão, Ben-Hur sentiu-se ainda mais revoltado contra os romanos.

A revolta fazia Ben-Hur refletir sobre a missão de Jesus. Com seus poderes extraordinários, – imaginava – ele seria capaz de liderar, com todo o sucesso, uma guerra de Israel contra Roma, para

estabelecer a justiça. Mas, ao mesmo tempo, o jovem percebia que as curas e os atos praticados pelo Nazareno demonstravam que ele viera para salvar as almas do mundo todo, e não somente o povo judeu... Baltasar, o Egípcio, tinha razão... A personalidade de Jesus irradiava somente bondade, compreensão, amor... Jamais poderia agir como um guerreiro qualquer...

Em casa, Ben-Hur dava ordens a um servo para as providências da festa da Páscoa, quando Iras, a filha de Baltasar, quis lhe falar. Para

grande surpresa do jovem, a jovem agia de forma estranha e, referindo-se a Messala, sugeriu que Ben-Hur o perdoasse e o ajudasse. O romano estava paralítico e pobre...

Diante da reação de cólera de Ben-Hur, que não conseguia sequer tolerar a lembrança do ex-amigo, a jovem ameaçou: sabia tudo sobre o seu passado, ou seja, que ele fugira das galeras, que ajudara os galileus a espancar os romanos e que, aliando-se aos galileus, preparara três legiões prontas a atacar Roma... Assim, se ele não ordenasse a Simonide para enviar

vinte e seis talentos a Messala, ela levaria todos aqueles fatos ao conhecimento do Procurador da Judeia!

Ben-Hur mal pôde ouvir as últimas palavras de Iras. Furioso, recusou-se a enviar qualquer ajuda ao romano que tanto sofrimento lhe causara. Em seguida, convidou Iras a partir e levar a Messala apenas sua mensagem de total indiferença e desprezo...

À noitinha, quando se dirigia ao Cedron para visitar a mãe e a irmã, Ben-Hur viu um grupo de

sacerdotes, legionários e pessoas do povo caminhando à luz de tochas. Entre o chefe da guarda do templo e um sacerdote, reconheceu Judas Iscariotes, um dos discípulos de Jesus. Estranhando a situação, juntou-se ao cortejo que, depois de atravessar ruas e pontes, chegou ao Jardim das Oliveiras. Lá estava Jesus, com seus discípulos.

Então, Ben-Hur viu quando Judas beijou o rosto do Nazareno, para identificá-lo, diante dos sacerdotes e dos guardas romanos, como o homem a quem chamavam Rei dos Judeus. Ouviu-o confirmar seu

nome: Jesus, de Nazaré. Viu Jesus reconstituir a orelha de um dos soldados romanos, cortada à espada por um discípulo. Viu quando os legionários o prendiam. Viu, enfim, a mansidão de Jesus ao ser levado para o julgamento, sem qualquer reação diante das ofensas que a multidão lhe dirigia...

No dia seguinte, soube que o Procurador Pôncio Pilatos se recusara a condenar Jesus e que, estranhamente, os próprios sacerdotes e o povo judeu haviam selado o seu destino – a morte na cruz!

Angustiado, Ben-Hur tentou reunir as legiões para libertar o Nazareno. Mas apenas duas pessoas, dentre as três legiões de soldados galileus que formara, se dispuseram a ajudá-lo na tarefa...

Carregado pelos servos, Simonide esteve ao lado de Ben-Hur e de Baltasar, o Egípcio, acompanhando os tristes acontecimentos posteriores. Ben-Hur sofreu profundamente por não poder ajudar. Permaneceu no Gólgota, com seus amigos, até o último suspiro de Jesus.



Quando tudo terminou, chamou Baltasar. Notou, então, que seu amigo egípcio estava morto.

Certamente seu coração não suportara ver o sofrimento daquele a quem chamava de “Salvador de Almas...”

Ben-Hur não conseguiu encontrar Iras para os funerais do pai. Terminada a cerimônia, foi ao Ceron para, finalmente, levar a mãe e a irmã para casa, completamente curadas.

Passaram-se cinco anos. Ben-Hur casara-se com Ester e tinham dois filhos. Certo dia, uma mulher bateu à porta. Era Iras que, recebida por Ester, pediu-lhe que avisasse Ben-

Hur: Messala – seu cruel inimigo – estava morto. Ela própria o matara... Em seguida, beijou as duas crianças, despediu-se tristemente e saiu. Ninguém soube de seu destino.

OS MAIS FAMOSOS
CONTOS JUVENIS

Lewis Wallace

(1827-1905)

Lewis Wallace, um dos mais destacados autores de romances históricos, nasceu em Indiana, nos Estados Unidos, em 1827. Formou-se em Direito e, pouco depois, alistou-se como voluntário na guerra contra o México, de 1846 a 1847. Posteriormente, atuou na Guerra de Secessão, chegando a alcançar o posto de general. Deixando o Exército, em 1865 ingressou na política, tendo sido eleito governador do Novo México,

de 1878 a 1881. Mais tarde, foi nomeado ministro dos Estados Unidos na Turquia.

Excelente escritor, tornou-se conhecido principalmente graças às suas obras Ben-Hur (tema de um dos maiores filmes produzidos em Hollywood) e O Príncipe Indiano. Morreu em 1905.



Venha brincar com a gente!